



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE-PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

BRUNA LIMA DE MELO

**NAS TRAMAS E ENREDOS DE HELENA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM
MACHADO DE ASSIS**

CAMPINA GRANDE - PB

2019

BRUNA LIMA DE MELO

**NAS TRAMAS E ENREDOS DE HELENA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Cristina Aragão

CAMPINA GRANDE- PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528n Melo, Bruna Lima de.
Nas tramas e enredos de Helena [manuscrito] :
representações femininas em Machado de Assis / Bruna Lima
de Melo. - 2019.
40 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina Aragão ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Mulher. 3. História cultural. 4.
Literatura brasileira. 5. Condição social . I. Título
21. ed. CDD 801.95

BRUNA LIMA DE MELO

**NAS TRAMAS E ENREDOS DE HELENA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM
MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada e Graduada em História.

Área de concentração: História cultural.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 18, 06 de 2019.

Patrícia Cristina Aragão

Prof. Dra. Patrícia Cristina Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Hilmara Xavier Silva

Prof. Dr. Hilmara Xavier Silva.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Michelle Santino Fialho

Prof. Ms. Michelle Santino Fialho
Examinadora externa

Às mulheres da minha vida, minha mãe Marinalva, minhas irmãs Rosemere, Daniele e Yasmin, a minha sobrinha Maria Alice e ao meu noivo Júnior Gomes, pessoas essas que são parte de mim e nunca mediram esforços para estar comigo nessa caminhada, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me permitido chegar até aqui. Ele me sustentou nos momentos mais difíceis da minha vida durante a graduação, fazendo com que não desistisse dos meus sonhos.

A minha mãe Marinalva, meu maior exemplo de mulher e dedicação, foi mãe e pai ao mesmo tempo. Não pôde estudar como eu ou minhas irmãs, mas é a primeira a dar incentivo, forças e coragem para seguir, fazendo o possível e o impossível para nos dar uma boa educação. As palavras não conseguem expressar a minha gratidão e meu amor por ti, queria ter a metade da força que a senhora tem.

A minha irmã mais velha Rosemere, meu outro grande exemplo de mulher, que aliada à minha mãe, não mediu esforços para me ajudar nessa caminhada. Agradeço por ser minha inspiração e por ter me dado uma sobrinha tão linda, amorosa e especial.

A minha irmã mais nova Daniele, por ser minha companheira em tantas noites de estudos e por me incentivar tanto.

A minha irmã de coração e criação Yasmin, sempre me ajuda no dia a dia, sobretudo na correria da minha vida

A minha sobrinha Maria Alice, por ter chegado em um dos momentos mais complicados de nossas vidas, trazendo luz, força e coragem, dando tanta alegria e sentido à vida de todos.

Ao meu noivo Junior, um dos maiores incentivadores dos meus sonhos e da profissão que desejo seguir, entendendo muitas vezes minha ausência nesse tempo e sempre estando ao meu lado sem medir esforços.

Não posso deixar de agradecer a todos os professores presentes no decorrer da minha vida, aqueles que foram minha inspiração ainda no ensino fundamental e médio, fazendo-me seguir esta profissão da qual tenho muito orgulho.

Agradeço a todos os professores da minha graduação por terem me transmitido tantos conhecimentos que mudaram minha forma de pensar sobre muitas coisas e que fizeram de mim alguém bem melhor.

Agradeço em especial a professora Patrícia Cristina Aragão, uma excelente pessoa e profissional, que com seu jeito de ser nos dá ânimo para seguir a caminhada da vida de professor em tempos tão difíceis. Sou grata por ter me

ensinado tanto e por ter tido a oportunidade de ser monitora em um dos seus projetos de extensão “Ensinar história e educar em direitos humanos: saberes docentes, práticas educativas e interculturalidade”, projeto incrível através de qual adquiri bastante conhecimento para minha formação.

Agradeço a professora Auricélia Lopes, por ter me dado a oportunidade de participar de um dos projetos mais importantes para minha formação acadêmica, o PIBID, que me mostrou que a sala de aula, de fato, é meu lugar e é o caminho que quero seguir.

Agradeço a Paula Almeida de Castro por também ter me dado a oportunidade de participar do PIBIC: “Ferramentas digitais para a formação de professores” desenvolvendo o plano de trabalho” para quê, para quem e como formamos professores? Perspectivas etnográficas envolvendo a escola e a universidade”, fazendo com que eu tivesse a visão de como está sendo pensada a educação e práticas fora e dentro da universidade.

Não posso deixar de agradecer aos amigos que conquistei ao longo desse processo e que levarei para minha vida:

Ednaldo Gonçalves, por compartilhar os momentos bons e ruins comigo, por me ajudar tanto nas atividades acadêmicas além me escutar e me aconselhar nos momentos em que precisei e preciso.

A Gustavo Vinícius, por estar sempre disposto a ajudar, por me fazer tanta companhia e sempre preocupar-se com minha pessoa.

A Aline Souza, que mesmo conhecendo na metade da graduação, se tornou companheira de PIBID e uma grande amiga que me incentivou para as coisas boas, tanto na caminhada acadêmica quanto em momentos da minha vida.

A Andreza Santana, que também conheci na metade da graduação, seu jeito, seu humor e dedicação me fizeram me aproximar e assim fazer uma grande amizade.

A Beatriz Santos, companheira de PIBID e PIBIC, amiga e incentivadora para seguir a vida acadêmica.

Obrigada, Deus, por ter concedido a oportunidade de passar por essa instituição, por esse curso que amo de paixão e por ter colocado tanta gente especial em minha vida. Gratidão!

“Algumas pessoas me perguntam: “porque usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?” Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral – mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato.”

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Na obra de Machado de Assis, a mulher tem destaque tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista para entender o século XIX, considerando que na produção do autor a partir da realidade do Rio de Janeiro, a sociedade carioca expressa como era a vida e as experiências sociais das mulheres. Machado de Assis constitui diversos perfis femininos, protagonizando as mulheres, dando lugar e espaço de fala para elas. Nesta monografia, objetivamos trabalhar com a obra "*Helena*", de Machado de Assis, de modo que possibilite a observação de como era o ambiente social e político no século XIX, assim como a percepção a respeito do lugar das mulheres no cenário da época. O trabalho está situado no campo da história cultural, partindo do diálogo entre história e literatura, nesse campo teórico, foi abordado o lugar do feminino e a condição social da mulher no século XIX. Para este estudo, contamos com as contribuições dos seguintes autores e suas perspectivas teóricas: Priore (2013), na concepção do lugar feminino no século XIX; Chartier (1999), com a representatividade no diálogo de história e literatura; Soith (1997), tratando-se da concepção da história cultural e na produção sobre o feminino e Chalhoub (2003), na abordagem do contexto social de Machado de Assis e a crítica social de suas obras. Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tendo como principal fonte a obra "*Helena*", conforme supracitado. A pesquisa permitiu estudar sobre a história das mulheres em Machado de Assis e seus protagonismos sociais. Compreender a mulher no século XIX e na literatura machadiana é desbravar fontes diferentes a fim de decifrar como a trajetória dos costumes e hábitos foram mudando a partir do despertar de movimentos que fizeram a mulher adquirir voz, passando a ser sujeito ativo na sociedade.

Palavras-chave: História. Literatura. Machado de Assis. Mulher.

ABSTRACT

In the work of Machado de Assis, the woman stands out both from the social point of view and from the point of view to understand the nineteenth century. Considering the author's production from the reality of Rio de Janeiro, this society expresses how it was life moreover, the social experiences of women. Machado de Assis constitutes several feminine profiles, starring the women, giving place and space of speech for them. In this article, we aim to work with the work "Helena", by Machado de Assis, so that enables to observe the social and political environment in the nineteenth century, as well as the perception about the place of women in the scene of the time. This work is situated in the field of cultural history, starting from the dialogue between history and literature, in this theoretical field, the place of the feminine and the social condition of women in the nineteenth century was approached. For this study, we count on the contributions of the following authors and their theoretical perspectives: Priore (2013), in the conception of the feminine place in century XIX. Chartier (1999), with representativeness in the dialogue of history and literature. Soith (1997), dealing with the conception of cultural history and production on the feminine and Chalhoub (2003), on the social context of Machado de Assis and the social critique of his works. In relation to the methodology, this is a bibliographical research, having as main source the work "Helena", as mentioned above. The research allowed to study about the history of the women in Machado de Assis and its social protagonism. Understanding the woman in the nineteenth century and Machado's literature is to break up different sources in order to decipher how the trajectory of customs and habits were changing from the awakening of movements that made women acquire a voice, becoming an active subject in society.

Keywords: History. Literature. Machado de Assis. Woman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A MULHER NO SÉCULO XIX: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E POLÍTICAS DE UM CENÁRIO EM MUTAÇÃO.....	13
1.1 A CONDIÇÃO DA MULHER NO SÉCULO XIX: ASPECTOS POLÍTICOS, SOCIAIS E CULTURAIS.....	13
1.2 O DEBATE DE GÊNERO E O CAMPO DA HISTÓRIA CULTURAL.....	18
2. A LITERATURA E A HISTÓRIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS.....	23
2.1 A LITERATURA NA PESQUISA EM HISTÓRIA.....	23
2.2 FACETAS LITERÁRIAS EM MACHADO DE ASSIS.....	27
3. LUGARES DO FEMININO EM HELENA, DE MACHADO DE ASSIS.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Abordar história e a literatura é, de certa forma, prazeroso e complexo pelo fato de estar lidando com a ficção e, ao mesmo tempo, com vestígios da realidade. Analisar a relação de ambas é observar de forma atenciosa as fronteiras que as separam e aproximam, mesmo abordando temas considerados comuns, porém de diferentes modos e perspectivas. As fontes literárias utilizadas pelos historiadores brasileiros são recentes, pois trata-se de recuperar a historicidade nas obras para assim colaborar para a reflexão, os textos literários podem trazer e representar o tempo e espaço em que se encontram. Machado de Assis é, sem dúvida, o meio de tais decifrações, suas obras abordam o cenário do século XIX de forma crítica em cada fase de sua escrita. Em *Helena*, o autor encontrava-se na primeira fase, a romanesca, uma obra que apresenta uma série de fatos cotidianos do segundo reinado, entre eles está o lugar da mulher. É importante ressaltar que em nenhum momento o autor faz apologia à submissão feminina, ele apenas escreve de acordo com sua época.

A proposta do presente trabalho é abordar e analisar o lugar social da mulher no século XIX, em um possível diálogo com a história e literatura machadiana através dos comportamentos e costumes. De forma específica, foi trabalhado como se deu a mutação da mulher em sociedade ao longo do século XIX, de modo que a literatura pôde resgatar esse traço histórico e realizar várias abordagens sociais da época, vindo a ser de extrema importância para estudos históricos e suas decifrações.

A história e a literatura surgiram como campos disciplinares na modernidade, rompendo com os saberes já estabelecidos, sobretudo a literatura que carregava a relação com o saber nos tratados da retórica e por conter limites de um saber associado aos gêneros e às artes poéticas. Ambas mantêm o interesse pelo homem, trazendo grande importância para historicidade de acontecimentos naturais e humanos. (CAMILOTTI, NAXARA, 2009).

Pesavento (2003) nos mostra que, no momento da análise entre ambas, é visto o epistemológico entre a cena do mundo do leitor com relação à escrita. Em termos de escrita, o autor do texto historiográfico leva para o público a forma como que escreve o mundo do narrado, ou seja, o passado construído através dos vestígios deixados pelo passado no cenário atual. É importante observar também

que o leitor ressignifica os escritos independente do que eles desejam passar, seja na história seja na literatura.

Isso foi possível pelo fato de a historiografia ter passado por um processo que questionava o vazio teórico que as correntes até então demonstravam ter enquanto as ciências humanas cresciam. A história cultural permitiu abrir espaço para temas que não tinham espaço antes, possibilitando a oportunidade de destacar representações, dando espaço para a mulher, diferenciando os escritos e ampliando a visibilidade sobre a opressão que se passava, assim como abordar o lugar da mulher como sujeito em sociedade. (SOIHET, 2001).

Nossa metodologia está pautada na pesquisa bibliográfica, assim, trabalhamos como fonte a obra *Helena*, de Machado de Assis. Escrita no ano de 1876, sua primeira publicação foi em forma de folhetim no jornal “*O Globo*”, contando com os seguintes personagens: a protagonista Helena, seu pai Conselheiro Vale, seu irmão Estácio, sua tia Úrsula, D. Ângela, mãe de *Helena*, D. Camargo, amigo do Conselheiro Vale, sua esposa D. Tomásia e sua filha Eugênia, além do Pe. Melchior e Mendonça que eram amigos há muito tempo da família Vale, o romance mostra a sociedade carioca no século XIX a partir de seu cotidiano, hábitos e vivências.

A escolha da temática ocorreu pelo fato de que, no decorrer da graduação, o hábito de fazer leituras de textos literários cresceu de forma que tornou perceptível a historicidade que neles se encontrava, além de identificar na leitura a importância de vincular a ficção do literário com o real da história. Sendo assim, o autor do século XIX, Machado de Assis, tem a possibilidade de articular a pesquisa em literatura e história, mostrando contribuições de sua literatura para o campo da historiografia. O autor construiu perfis e neles a mulher machadiana tem destaque, evidenciando a mulher como objeto de pesquisa na sua obra, é possível dizer que o que mais chama atenção é o papel da mulher na época, seus costumes, hábitos e a forma como seus diálogos traziam à tona a ideologia senhorial do segundo reinado.

A pesquisa foi dividida em três capítulos, o primeiro, intitulado de “A mulher no século XIX: representações sociais, culturais e políticas de um cenário em mutação”, mostra-nos a mulher no século XIX e as representações diante da imagem que a sociedade e cultura mantinham do sexo feminino, a do lar, dos afazeres domésticos, dos filhos e do marido, a política, a educação diferenciada era para os homens, o casamento era um negócio, já as mulheres de baixa classe não tinham uma boa

educação e sofriam represálias e preconceito. A reclusão era algo muito comum, pois era uma forma de manter a moralidade e a virtude, frequente a partir do processo de independência, a influência da igreja exigia uma forma diferente de convivência separando público e privado (PRIORE, 2013). O século XIX também foi tempo de produções de obras sobre as mulheres, entretanto, produzidas por homens, fazendo com que surgisse ascensão de movimentos e luta por lugar na sociedade e, com isso, a oportunidade de produzir obras com base nas suas próprias experiências e em experiências de outras mulheres.

O segundo capítulo, intitulado de “A literatura e a história: um diálogo possível na produção literária de Machado de Assis”, visa discutir sobre a relação entre história e literatura, as questões que as unem e as separam, o possível diálogo entre ambas e a importância dos jornais e periódicos no século XIX para entender o contexto social do Rio de Janeiro, assim como foi de extrema importância para a circulação dos primeiros escritos de Machado de Assis. O autor traz o realismo na prosa e a crítica literária sobre o Brasil, de maneira que os personagens femininos trazem a postura real e detalhada do cotidiano senhorial.

O terceiro e último capítulo, tem por título “Lugares do feminino em Helena, de Machado de Assis”, buscando discutir e analisar a obra, especialmente o lugar da mulher como um todo e como se comportava a fim de mostrar a boa moral, a educação e as qualidades para encontrar um bom marido e fazer um casamento de modo que tivesse uma vida abastada. A obra foi escrita na perspectiva de quem viu a crise nas formas tradicionais de domínio, tornando-a uma revelação sutil e, às vezes, aberta e informada pelo propósito de denunciar os antagonismos e a violência inerentes às relações sociais da época. (CHALHOUB, 2003).

1. A MULHER NO SÉCULO XIX: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E POLÍTICAS DE UM CENÁRIO EM MUTAÇÃO

Neste capítulo, buscamos compreender qual a condição da mulher no século XIX, época em que a sua convivência e influência na sociedade é escassa e seu único lugar de atuação é a casa, a família e os filhos. Entretanto, os ideais libertários começam mudar esta concepção sobre as mulheres, mas é com a história cultural que esse grupo mais oprimido ganha espaço para lutar por seus direitos, falar e produzir como sujeito ativo na sociedade.

1.1 A condição da mulher no século XIX: aspectos políticos, sociais e culturais

A mulher sempre foi vista como sexo frágil e impossibilitada de fazer as mesmas coisas que o homem, o século XIX ainda mantinha enraizado o pensamento de que a mulher servia apenas para o lar, cozinhar, lavar, cuidar dos filhos e marido. Dessa forma, a educação das mulheres era diferenciada da educação dos homens, sendo escassa para as mais pobres. É no final do século XIX que a imagem feminina começa a mudar e ganhar destaque, entretanto, as primeiras obras foram escritas por homens e falavam apenas da vida doméstica. Com a chegada da história cultural e a ascensão do feminismo, as produções sobre a mulher começam a mudar, a partir de então, elas passavam a escrever de acordo com suas próprias experiências, esta inserção abriu portas para seu espaço na sociedade, deixando claro que ocorreu de forma gradativa e ainda se encontra obstáculos nos dias de hoje.

Para entendermos a mulher do século XIX, precisamos, antes de tudo, compreender a trajetória delas em algumas épocas da história anterior a este recorte histórico que elencamos para estudo e pesquisa. Historicamente, em diferentes espacialidades e contextos temporais, as mulheres tiveram uma importância crucial nas sociedades em que viveram. Na pré-história, o trabalho da mulher era reconhecido e colocado em destaque mesmo ela não sendo considerada o membro principal da família. Na época, a parceria era comum, visto que ambos caçavam e acreditava-se que a mulher tinha poderes mágicos, por causa de sua fecundidade eram consideradas responsáveis pela fertilidade na agricultura.

Na idade média, mudanças já haviam ocorrido, propiciando o que consideramos como retrocesso na percepção e representação da mulher. Os

valores éticos, sobretudo cristãos, já ditavam as regras e a mulher passou a ser restrita à sua casa, à família e aos afazeres domésticos, enquanto o homem mostrava o papel da força e virilidade, executando as atividades do campo e comparecendo às batalhas.

Em Roma, as mulheres foram excluídas de atividades públicas e eram submissas ao pai, marido e sogro; na Europa ocidental, apenas entre os celtas existia uma igualdade judiciária entre homens e mulheres, estas tinham a liberdade de escolher o marido e também de se divorciar. Entretanto, isso era um resultado de seu grupo social, pois ambos tinham a mesma condição financeira, quanto mais inferior a condição, menos direitos se tinha. (MOREIRA, 2006).

No século XVIII, com a Revolução Francesa, a visão sobre a mulher começou a mudar, a partir disso, os ideais libertários surgem modificando costumes de que homem e mulher assumiam atitudes diferentes das de antes no âmbito público e privado. Desde então, algumas mulheres se destacam e enfrentam esse embate em alguns países que não aceitaram muito rápido o novo modo de vivência. (MOREIRA, 2006).

Olympe de Gouges foi uma das primeiras feministas a lutar pelos direitos das mulheres, apresentando na assembleia nacional, em 28 de outubro de 1791, a declaração dos direitos da mulher e do cidadão. Na época, por ser algo desafiador e incomum, a maioria das mulheres não arriscaria suas cabeças a fim de apoiar a causa, sendo assim, em 1793 Olympe foi guilhotinada por suas ideias serem consideradas perigosas. (MOREIRA, 2006).

Não se pode esquecer que na Inglaterra, nessa mesma época, Mary Wollstonecraft, mãe da famosa Mary Shelley, filósofa e defensora dos direitos das mulheres, já escrevia sobre isso. Uma de suas principais obras foi traduzida pela brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta, sob o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, que no século XIX ficou conhecida por não se limitar apenas aos afazeres domésticos, sendo um escândalo para os homens que dominavam essa área até então. (SANTANA, 2014).

No Brasil do século XIX, com a chegada da família real, o processo de independência e mudança econômica, surge no país a necessidade da privacidade, que já era moda na Europa. Não importava como era a família, era perceptível a necessidade dessa nova forma de viver. Del Priore (2013) nos mostra essa mudança ao afirmar que:

Difundia-se a mistura da vida comum – partilhar espaços, gestos, tradições e sentimentos com os “seus” constitui-se na tônica da família. A casa humilde ou o sobrado elegante modificam os espaços. É evidente que os segundos se alteram em maior proporção. O mobiliário da época e os utensílios domésticos refletem essas modificações, e se sofisticam. As fronteiras entre público e privado ficam mais nítidas, favorecendo que os papéis exercidos nesses espaços ganhassem maior visibilidade (PRIORE, 2013, p.18).

É possível entender que as mudanças foram ocorrendo de forma gradativa durante o século, quanto mais se passava o tempo, mais visibilidade a mulher ganhava. Tanto a igreja como o Estado mostravam o papel feminino e os modos de se comportar: em casa poderia dar sugestões e opiniões, mas na rua todo cuidado era pouco para não se arriscar o bem mais precioso - a sua honra. Assim, até as procissões eram acompanhadas pelas janelas de casa para o bem de sua virtude, os namoros baseavam-se nos olhares, casamentos eram arrançados pelo pai. Escolhia-se, principalmente, os partidos que fossem mais abastados economicamente e socialmente, alguns até enviados de Portugal. Depois de casada, nem o médico poderia tocar na esposa, apenas o marido com a supervisão médica.

A igreja católica enfatizava que evitar filhos era pecado e o homem era o grande líder da casa, este representava o Estado e a Igreja, enquanto a mulher era orientada para procriação e transmitiria para os filhos os valores morais e éticos. Caso a mulher praticasse o adultério, o ato lhe custaria uma surra ou até a vida, dessa forma, foi possível criar uma política para o combate às ligações ilícitas que aconteciam na rua, nesse sentido, Del Priore (2013) afirma:

O concubinato era vivido como algo que se fazia “na rua”. A adoção do modelo imposto pela igreja ajudou a construir os papéis femininos no imaginário social. Esposas: mulheres corretas. Concubinas, imorais, que viviam “meretrizmente”, cúmplices de “tratos ilícitos”: as erradas. (PRIORE, 2013, p.20).

Como podemos ver, a mulher “de bem” não poderia estar com frequência na rua sozinha, nem sequer desejar uma vida sexual mais prazerosa, visto que isso era destinado às mulheres da rua, que não tinham nenhuma virtude a zelar. Entretanto, algumas moças se entregavam aos rapazes antes mesmo de casar, como um gesto para que pudessem adiantar o casamento.

A violência simbólica e real era nítida nas conversas e comportamento dos homens para com as mulheres que não eram de elite, além disso, os gestos mais impróprios e a linguagem inadequada eram direcionados às negras e mulatas,

consideradas as mais fáceis para fazer sexo, enquanto isso, a mulher branca recebia todos os galanteios.

O casamento era um negócio, quase nunca acontecia por amor. Ao longo do século XIX, os homens não eram punidos por sua conduta infiel, mas para as mulheres essa conduta custava muito caro, já que em caso de adultério descoberto, o marido poderia matar a esposa e mesmo assim não ser considerado culpado. Nas camadas mais pobres, uma das soluções seria se separar, muitas vezes as mulheres declaravam que tiveram a cópula interrompida durante o matrimônio e alegavam ter filhos no casamento e na viuvez. (PRIORE, 2013).

No final do século XIX ocorreram algumas mudanças, pois o casamento passou a ser mais que um negócio, a mulher deveria amar seu marido sobre todas as coisas. Além disso, deveria ser uma boa dona de casa, aplicando o máximo de seus esforços na educação dos filhos e ainda tinha que saber todos os pontos de bordado, as mulheres ricas deveriam cantar e tocar piano. Foi um período bem repressivo, Del Priore (2013) afirma que:

Ela deveria ser reservada no comportamento, evitando tanto o riso demasiado quanto os bocejos de tédio. Devia-se evitar a entrada de qualquer homem dentro do quarto de mulher, com exceção de padres e médicos, que não eram considerados homens (PRIORE, 2013, p.53).

Era um momento de bastante reclusão e hipocrisia, porque qualquer passo em falso prejudicaria sua reputação, as mulheres não poderiam sequer ter contato com divorciadas e separadas, pois não eram boas companhias e sim um mau exemplo. Sua fidelidade ao marido era muito preciosa, era sua maior virtude, algo exigido e vigiado para que a mulher não deixasse de ser honrada. O casamento era uma prisão social, direcionava todo o pudor à mulher, nem poderiam se olhar no espelho, mal conheciam seu corpo e durante o sexo usavam uma camisola com um furo na região da vagina.

Em termos de educação, nas primeiras décadas do século XIX, a escolarização para as mulheres era escassa, quando foi pensada ocorria de forma separada, as meninas não poderiam frequentar a mesma sala de aula de um menino, assim, foram excluídas das escolas públicas até 1814. Mesmo a partir deste ano tendo a oportunidade de estudar, o número de mulheres em sala de aula era pequeno demais, o grande problema eram as famílias que ainda pensavam de forma retrógrada. (PRIORE, 2013).

O nível de analfabetismo era muito alto, muitas pessoas não sabiam ler e escrever, sobretudo na camada mais pobre, as leitoras dos periódicos às vezes nem assinar sabiam, é a partir de então que são realizadas leituras dos jornais em voz alta para os assinantes iletrados. Os periódicos direcionados às mulheres eram bem pequenos, pois o que continha nessa parte reduzida eram assuntos voltados justamente para o público feminino.

Alguns periódicos da época convidavam suas leitoras para interagir, mostrando que havia mulheres que escreviam e produziam poesia, hinos e sonetos. No periódico *O Mentor das brasileiras*, 5,4% do material era produzido por mulheres, sendo uma das mais importantes Beatriz Francisca Brandão, professora da escola pública de primeiras letras de meninas de Ouro Preto, esta viria a se tornar conhecida a partir da segunda metade do século XIX, com a predominância temática de sua produção relacionada à independência do Brasil e à constituição. (JINZENJI, 2012).

As correspondências que chegavam aos periódicos consistiam em opiniões de leitoras, que não colocavam seus verdadeiros nomes. Nem sempre eram publicados apenas elogios, mas também apareciam as críticas por insatisfação com o conteúdo, a grande insatisfação para algumas mulheres foi quando assuntos sobre moda foram abolidos, Jinzenji (2011) destaca:

Percebe-se que, mesmo antes dessa resposta, *O Mentor* estaria caminhando para uma tendência ao repúdio às modas e ao luxo, apoiada por outros periódicos e outras leitoras, numa crítica insistente à importância de padrões franceses em prol da valorização de estilos e produtos nacionais. (JINZENJI, 2011, p.382).

Para alguns, parecia uma oportunidade de dissuadir a grande parte das mulheres e focar o assunto só em política, mas poucas mulheres tinham interesse na temática, pois esses conteúdos eram comuns no meio dos homens. Podemos observar que, para o jornal, o grande teor de pensamento liberal e a moderação no vestir e adornar-se era uma crítica ao modo de se vestir e comportar que as monarquias absolutistas e os estrangeiros tinham. Não se pode esquecer que esses periódicos recomendavam livros para suas leitoras, a maioria deles era sobre a educação feminina, reforçando os valores da família e a virtude conjugal.

1.2 O debate de gênero e o campo da história cultural

Ao longo do século XIX a história começa a ser vista como ciência, surgiram historiadores com linhas de pensamentos diversos, fazendo com que fossem levantados vários questionamentos, o da história como ciência e o da história como arte, pois ela era diferente das demais ciências. Entre os vários modelos de historiografia no século XX, a história cultural se destaca, tendo como uma de suas principais características a ampliação dos horizontes para novas fontes e diálogos com outras áreas, o que ocasionou a quebra com os paradigmas econômicos, políticos e sociais.

A virada dos estudos culturais na história pode ter surgido depois das grandes mudanças dos anos 1970, como a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, nos EUA a macha das mulheres, o mundo pós-guerra em geral, deixando claro algumas limitações da corrente marxista e dos *Annales*, que acabam sendo acusados por portarem um vazio teórico com pouca explicação em meio ao crescimento das ciências humanas. Esse método fazia com que a história perdesse seu lugar e passasse a trabalhar apenas com o recolhimento de dados, diante disso, a virada cultural teve por objetivo colocar a história em destaque novamente, sendo o conceito de representação um dos alicerces deste novo método de fazer história.

Foi na história cultural que a mulher começou a ganhar mais visibilidade, Rachel Soietz (2001) explica que a diferenciação cultural de determinada sociedade se tornou um parâmetro para novos campos de estudos, simplificando e ressaltando a identificação de objetos, lugares e de condutas femininas assim como a opressão sofrida:

Nomear, identificar, quantificar a presença das mulheres nos lugares, nas instâncias, nos papéis que lhes são próprios, aparece como uma etapa necessária, um justo retorno das coisas. São assim iluminadas as categorias do masculino e do feminino, até aqui escondida sobre um neutralismo sexual, que só beneficia o mundo masculino. (SOIHET, 2001, p.10).

Observa-se, portanto, que o grande enfoque estava em torno do homem e os muitos trabalhos realizados direcionavam-se ao masculino. Quando o trabalho ou a pesquisa tratava sobre a mulher, ainda era restritivo, visto que a dialética da opressão era grande na sociedade em que se vivia, sobretudo quando o assunto era sexo, a supremacia sempre era a masculina.

Avanços em trabalhos sobre a vida pública e privada da mulher aconteciam, entretanto, poderia se tornar algo fácil, justapondo culturas plurais e criando novos estereótipos de forma dissimulada, já que sabemos que a desigualdade ainda existe. A cultura da história da mulher deve ser destacada a partir dos símbolos, silêncio, conflitos, entre tantos outros.

É em 1960 que a historiografia abre um lugar para os grupos sociais mais oprimidos, para aqueles que nunca apareciam na história, fazendo com que as mulheres alcançassem a condição de sujeito. No Brasil, este fato dava às mulheres o acesso à cidadania brasileira, enfatizava a mulher como ser social, integrando-se a categoria de gênero na esfera da política formal, o direito ao voto e os cargos que poderiam adquirir nas instituições do governo, fazendo com que desenvolvesse processos sociais invisíveis até então, posturas que hoje são características nos estudos sobre as mulheres.

Cunha (2000) nos mostra que, em especial no Brasil, a historiografia, ao analisar a temática sobre a mulher entre os séculos XIX e XX, observa que a condição feminina é o que mais é colocado em destaque diante dos trabalhos, sendo elas: a ama-de-leite, a operária, a prostituta, a militante, a solteira e assim:

A maioria desses estudos coloca em discussão a imagem que se tinha da mulher até o século XIX, quando esta era identificada -e identifica-se- como “paria” da sociedade, condição que serviu para construir a imagem da “diferença” e da “exaustão”, constitutiva da consciência-identidade feminina neste século. (CUNHA, 2000, p.143).

A partir de então, percebe-se que essa imagem trazida da mulher nos trabalhos produzidos será recusada por elas na segunda metade do século XIX, pois só as mostravam no âmbito doméstico ou como simples esposa, e não como um ser social. Nos anos 70, a produção historiográfica se torna algo teórico-metodológico nas premissas da história social influenciada pelo marxismo, cujo principal ponto será identificar a opressão capitalista sobre o público feminino, entretanto, as mulheres nessa época reivindicavam a condição de serem donas de seus próprios corpos, assim como recusavam ser o segundo sexo e a divisão de papéis sociais.

Os anos 80 do século XX, influenciados por Thompson, ficaram conhecidos por abrir um novo meio de estudos acadêmicos sobre o feminino, com a preocupação de trazer a mulher e suas práticas cotidianas na vida social. Isto é algo bem mais amplo quando se trata de repensar o marxismo, considerando que alguns estudos feitos pela esquerda no final do século XIX e início do século XX foram

escassos em termos de aprofundamento quanto a estudos sobre a mulher, levando apenas para direção da exploração de classes, o que fez com que a luta feminista não se inclinasse muito para o marxismo.

Contudo, equívocos foram gerados quando foi dada a ideia de que a história da opressão só poderia ser escrita por mulheres, criando assim uma concepção linear e reforçando a ação masculina, o que torna a opressão o ponto principal. É nesse momento que Thompson ganha o significado importante entre as historiadoras feministas, quando em seu livro da classe operária inglesa procurou resgatar as práticas e as experiências dos indivíduos. (CUNHA, 2000).

No Brasil, um dos estudos mais importantes com a inserção da mulher na história social é June E. Hahner, com a obra *Mulher brasileira e suas lutas*, pontuando a urgência do feminismo no país. Agregada às mulheres de elite e seus movimentos, a imprensa foi de total valia, pois havia um inconformismo na imagem depreciativa e sua representação social. Ainda em 1920, uma colaboradora da *Revista feminina* de Minas Gerais reivindicava e apoiava as mulheres a terem a igualdade de direitos, chamando a atenção principalmente para aquelas que sofriam preconceito e estavam enclausuradas em seus lares, sem ideias próprias e a mercê de seus maridos.

No decorrer da década de 1980, surge a quebra de alguns costumes, como o de que as mulheres estavam atuando apenas nas atividades domésticas, dando lugar a inovações de novas rotinas, a mulher em sociedade e suas estratégias de sobrevivência. Esta quebra modificou as relações entre homem e mulher, inclusive na sociedade de intelectuais de ambos os sexos.

Ao decorrer dos anos 80, a nova vertente mostra a atuação da mulher e o cotidiano, fazendo com que fossem elaboradas formas de resistência contra a dominação masculina e as lutas de classes com multifaces. Em anos seguintes, grandes obras surgem no Brasil, entre elas estão: *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, de Maria Odila Leite da Silva Dias.

Outra obra, foi *Do cabaré ao lar*, de Margareth Rago, outros estudos que seguiam a mesma linha também foram realizados por Maria Clementina P. Cunha, Magali Engel, Martha de Abreu Esteves e Raquel Soieth. Na história das mentalidades está Laura de Mello, Mary Del Priore, Mesquita Samara e Leila Mezan:

Deixando de lado por um momento as inúmeras diferenças metodológicas e temáticas que particularizam cada um destes estudos, destaco alguns pontos comuns que permitem aproximá-los.

Em todos eles, registra-se uma forte preocupação em resgatar a presença de mulheres pobres e marginalizadas, trabalhadoras ou não, como agente de transformação, em mostrar como foram capazes de questionar, na prática, as inúmeras mitologias misóginas elaboradas pelos homens de ciência para justificar sua inferioridade intelectual, mental e física em relação aos homens e sua exclusão da esfera dos negócios e da política. (RAGO, 1995, p.83).

Nesses trabalhos, é nítido que todas as autoras querem construir um universo feminino próprio que não seja inferior, trazendo assim uma ampla desconstrução das imagens tradicionais da mulher, como inferiormente intelectual e racional, passiva e submissa. Não se trata apenas de colocar a mulher em uma grande narrativa, mas buscar novas metodologias e novos campos temáticos, para assim começar a entender como o homem pensa, age e lê sua realidade dando a mulher um lugar de fala.

Entretanto, ainda na segunda etapa dos estudos sobre as mulheres, os movimentos feministas já reivindicavam por algo a mais, não seria apenas o direito ao voto, o que entrava em questão agora era o gênero, a diferença sexual, partindo, sobretudo, das mulheres negras, índias, mestiças, pobres e trabalhadoras que muitas vezes eram feministas.

Estas mulheres reivindicavam uma categoria que as mostrassem uma identidade diferente da dos homens, é então que a disciplina de história passava não apenas a registrar, mas a produzir sobre a organização dos sexos. Teorizar sobre gênero foi um impulso para que as historiadoras e as feministas começassem a discorrer sobre, apontando as desigualdades entre homens e mulheres, assim como hierarquia social e de gênero. Os trabalhos que falavam sobre o cotidiano e a vida privada muitas vezes traziam problemas na abordagem, pois grande parte apresentava abordagens que precisavam ser ampliadas via conceito de classes:

Quando falamos em “cotidiano” e “vida privada”, devemos também tentar ultrapassar a oposição entre “detentores” e “excluídos”, atentos para evidências de que, no interior das semoventes relações entre os dois grupos, inscreve-se outra coisa além de uma configuração sucede-se a outra; inscreve-se formas de visibilidade e de modos de enunciação próprios a fazer emergir cada grupo enquanto sujeito da história, suscetíveis de história com tudo o que muda, mas autores da mudança, inscrevendo a coletividade num destino virtual. Resultado de um possível ou de uma promessa. (PRIORE, 1997, p.393).

Entende-se, assim, que o sentido não é apenas situar o cotidiano, a evolução, a situação ou especificar algo, mas entender a natureza do espaço que está sendo estudado e o que os diversos grupos sociais podem nos trazer, como podem ser explorados e assim interpretados. Dessa forma, é possível reconhecer os

usos e as representações que os compõem e fazem diversos, transformando-se em uma história de maneiras e modos que constituem esses grupos como sujeitos da história.

Portanto, no passado, é notória uma escassez de trabalhos realizado pelas próprias mulheres, porém, há facilidade em encontrar obras com representações sobre a mulher com base em discursos masculinos. Esses estudos sobre a mulher são restritos, pois falam apenas sobre como as mulheres deveriam se comportar e sobre seus afazeres domésticos. Nos arquivos privados, apenas se encontra a história daquelas que perturbavam a ordem pública, dando privilégio ao acesso feminino a partir de seus próprios depoimentos. É a partir de tais dificuldades que historiadores tentam avançar na teoria dos estudos históricos sobre as mulheres, de forma que se possa desvendar novas fontes e novos horizontes.

2. A LITERATURA E A HISTÓRIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS

Neste capítulo, buscamos compreender a relação da história e a literatura, suas ligações, seus distanciamentos e qual importância da literatura como fonte para a pesquisa em história. A literatura como manifestação cultural mostra uma representatividade, configurando o tempo a partir de vestígios na narrativa onde se torna decifrações históricas capaz de mostrar a realidade de seu tempo. Machado de Assis ganha grande destaque entre os historiadores, foi um dos primeiros autores a trazer essa criticidade da sociedade carioca do século XIX em suas obras, sobretudo nos jornais e periódicos em forma de folhetim, que foram o seu primeiro meio de publicação antes que suas obras passassem a ser livros.

2.1 A Literatura na pesquisa em História

A literatura é uma fonte para a história mesmo existindo dúvidas quanto à ficção, veracidade e verossimilhança de ambas, no sentido de questionar quem traria o real. Porém, elas dialogam quando compartilham um resgate da criticidade, da razão, das sensibilidades, assim como a construção da representação sobre o mundo. No Brasil, um dos escritores mais abordados pelos historiadores, sobretudo Sidney Chalhoub, é Machado de Assis, por causa de sua forma crítica ao abordar a sociedade carioca do século XIX. Evidencia-se em seus romances a imagem feminina em sociedade e a repressão que se vivia diante de uma cultura masculinizada e cheia de burocracias quanto à cor, classe social e gênero.

A história e a literatura sempre mantiveram uma relação, mesmo de forma demarcada e muitas vezes mal compreendida por causa da tenuidade que ambas possuem. Assim, surgem questionamentos, os quais aponta Barros (2010, p.2): “onde termina a história e começa a literatura? Onde termina a literatura e penetramos, ainda que indelevelmente na realidade histórica?”.

Partindo das proposições levantadas pelo autor, observamos que são muitos os questionamentos e as interpretações em relação à história como uma ciência, sobretudo, na relação entre história e literatura e como o saber literário contribui na história. Mediante este posicionamento, chamamos atenção para o fato de que a literatura é uma arte que não deixa de relacionar-se à história, pois não se pode

negar que é da história que se extrai materiais para a literatura, assim como a história a constitui como gênero produzido pelo ser humano inserido na temporalidade.

A historiografia vem passando por crises nas últimas décadas, entretanto, a história e a literatura estão em uma das crises mais recentes, aquelas relativas aos referentes históricos, que atribui a ideia de que com a história não se aprenderia algo importante, com o que a historiografia denominava como ficção, sendo motivo de entusiasmo para alguns e de questionamento e apreensão para outros.

Chartier (1999) enfatiza que a história e a literatura podem ser entendidas de duas maneiras, a primeira abordaria a aproximação plenamente histórica dos textos, para entender essa semelhança, é preciso compreender as relações contemporâneas com as obras e os gêneros que não sejam confundidos com algo universal:

Devemos romper com a atitude espontânea que supõe que todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito. Trata-se, portanto de identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção quanto e publicação de qualquer texto, como os efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. (CHARTIER, 1999, p.197).

Ressaltamos, portanto, que não se trata de apenas considerar a semelhança ou a aproximação dos textos aqui abordados, é entender também que existe uma negociação entre a invenção que a literatura traz e as práticas do mundo social que é buscado da mesma forma que procura matrizes para criar a estética e assim a compreensão.

A segunda maneira apontada por Chartier (1999) mostra uma contrariedade, pois em alguns textos literários existem representações originárias do próprio mecanismo da produção que transmite o estético, textos semelhantes que fazem o livro e a leitura o objeto da ficção, o que faz com que os historiadores pensem de forma diferente.

As características da produção literária são elencadas em três noções, a primeira: o texto e sua identificação que tem o escrito fixo, manipulável, estabilizado e permanente; a segunda: noção de que essa leitura é produzida para ser lida em

silêncio, e para si; a última nada mais é do que a caracterização da leitura e sua atribuição ao texto para com o autor como decifração de sentidos ou um sentido.

Contudo, é preciso manter um distanciamento diante destas três relações para que sejam compreendidas as razões para determinada produção. As modalidades que foram apropriadas quanto ao passado nessas obras são de extrema importância para compreender a historicidade e a instabilidade.

Pesavento (2003) aponta que no século XX a literatura se definia como militante, tendo um compromisso com o futuro e a sociedade, à história cabia um perfil crítico e correto. Hoje, podemos dizer que as questões que articulam a história e a literatura são outras, existem debates que aproximam ambas e que respondem as questões elaboradas pelos seres humanos sobre o mundo em todas as épocas. É importante salientar que esta é uma postura que constitui a história cultural, enfocando o entendimento da cultura através da história e das manifestações culturais, pois as duas desvendam sentimentos, desejos e mostram, de certa forma, a realidade.

A autora também aponta dois planos de aproximação e distinção entre a literatura e a história. O primeiro seria a natureza epistemológica, colocando em foco os paradigmas explicativos da realidade que aparecem no espaço da história, o que abre novos referenciais que levam à ligação das duas. Por vezes, pode-se identificar que ambas são narrativas que montam um enredo e uma trama, onde a história construiria os significados de cada tempo:

No caso, este entendimento da História como uma narrativa sobre o passado liga-se ao conceito da representação, que encarna a ideia de uma substituição, ou ainda da presentificação de uma ausência. Assim, no sistema de representações sociais construídas pelos homens para atribuir significado ao mundo, ao que se dá o nome de imaginário, a literatura e a história teriam seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigura-lo. (PESAVENTO, 2003, p.3).

Observamos, portanto, que ambas são narrativas que realizam uma configuração de tempo. A história surge como algo que mostra o que se passou ou teria se passado para dar ênfase à voz da narrativa literária, construindo uma nova temporalidade que não é nem passado nem presente, mas que chega a ocupar o lugar do passado que na história se substitui. Chama-se o presente da escrita, que se encarrega de inventar um passado ou um futuro para melhor compreensão do texto ou obra escrita.

Entendemos que a ficção é de extrema importância e que merece algumas considerações quanto ao questionamento sobre o real e o imaginário. O debate entre o real e o falso faz a história se distanciar da literatura, não podendo negar a distinção e o compromisso que cada narrativa tem.

Para que possamos abordar a temática e a literatura do século XIX no Rio de Janeiro, é preciso que compreendamos as fontes históricas, tal como a literatura, revistas, jornais, que representaram esta temporalidade e o contexto vivido pelas pessoas neste momento. No século XIX, muitas produções literárias contribuíram para representar a sociedade brasileira a partir do Rio de Janeiro. Além delas, revistas e outros tipos de artefatos contribuíram para traçar um perfil social do contexto. (PESAVENTO, 2003).

Podemos destacar algumas pessoas das letras e partidárias do conceito de literatura no “sorriso da sociedade”, as quais tratavam de uma obra literária e academismo no Brasil da virada do século (1890-1920). Autores como Olavo Billac, Coelho Neto, Arthur Azevedo e Gonzaga Duque assinavam crônicas e matérias sobre o dia a dia da vida mundana do Rio de Janeiro nas revistas de variedades.

Nas revistas e jornais de bairros, eram abordados os investimentos no centro e na Zona Sul, onde as autoridades separavam as moradias das camadas média, alta e baixa. Tais atos discriminatórios foram percebidos pelos jornais suburbanos, uma das principais revistas que abordavam essa temática era *A revista suburbana*, que mostrava de forma aprofundada os periódicos editados nos subúrbios do Rio de Janeiro na República Velha. A revista também mantinha uma coluna para operários, na qual era exibida a realidade do operariado da zona suburbana do Rio de Janeiro, assim como as lutas populares.

Já as revistas especializadas, foram voltadas especificamente para os estudos sobre a higiene urbana e insalubridade, abordavam também revistas acadêmicas sobre a cidade de caráter multidisciplinar. Destacam-se as revistas de geografia, história, engenharia, publicações acadêmicas, administração pública e assemelhados, medicina, saúde pública, higiene, arquitetura e planejamento urbano, história da arte e patrimônio histórico, entre outras.

2.2 Facetas literárias em Machado de Assis

Machado de Assis foi jornalista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro em 21 de setembro de 1839, falecendo na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. Também foi fundador de uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras e ocupou por dez anos a sua presidência. Ele não escreveu apenas narrativas, todas as suas obras estão cheias de decifrações históricas permeadas de críticas sociais e acontecimentos cotidianos de sua época.

O primeiro periódico escrito por mulheres e para mulheres no Rio de Janeiro foi chamado de *Jornal das Senhoras*, formado pela feminista argentina Juana Manso de Noronha, o periódico discutia temas sobre a belas artes, literatura, moda e apoiava as mulheres para buscarem e reivindicarem uma melhor educação e o acesso ao mercado de trabalho. É importante ressaltar que muitas mulheres no século XIX não sabiam ler, pois o seu tempo se direcionava apenas para os afazeres do lar. O jornal foi uma forma de levantar a bandeira de mais direitos para as mulheres, mas também foi uma forma de educar muitas mulheres que eram casadas, honradas e procuravam meninas para ensiná-las, a fim de que estas tivessem uma oportunidade de conseguir recursos para sua sobrevivência. (RODRIGUES, 2017).

Para muitos, as mulheres não precisavam ocupar suas mentes com muito, entretanto, essa abertura é dada em uma determinada época que ocorria mudanças políticas e sociais no governo de Dom Pedro II. Na segunda metade do século XIX, a imprensa foi uma forma de liberdade de expressão, um espaço que manifestava gostos, ideias e opiniões, também não podemos esquecer que foi de extrema importância para o movimento sufragista, tendo quebrado as barreiras no intuito de defender a liberdade e a emancipação da mulher. (RODRIGUES, 2017).

A imprensa foi um meio de comunicação muito importante no século XIX, e um dos autores que ganharam destaque por meio dela foi Machado de Assis. É importante destacar que antes de uma obra circular como livro, precisaria passar primeiro pelos jornais, principalmente em forma de folhetim. O primeiro momento de colaboração de Machado de Assis nos jornais do Rio de Janeiro foi marcado pela poesia e crítica literária no jornal *Marmota Fluminense* e depois no *Diário do Rio de Janeiro*.

O segundo momento foi quando ele ingressou no *Jornal das Famílias*, é então que aparece como ficcionista marcado por romances, contos e crônicas, estreando também como romancista tanto nos livros como em folhetins, em *O Globo* foram lançados *A mão e a luva-1874* e *Helena - 1876*; no *Cruzeiro*, *Iaiá Garcia - 1878*.

O terceiro momento é marcado pela entrada de Machado de Assis no *A estação*, fora sua colaboração em *A revista brasileira* e na *Gazeta de notícias*, momento em que surge *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Esta é a ocasião em que o autor mostra uma escrita diferente, não direcionada apenas para as revistas femininas, mas para um público em geral, entretanto, os leitores do *Suplemento literário* tiveram dificuldades de identificação, o que levou o autor a demorar mais tempo para terminar de escrever *Quincas Borba* na revista, é importante salientar que quando a escrita do autor muda, muda também o significado, o objetivo.

Costa (2013) nos mostra que os primeiros romances de Machado de Assis, já aqui citados, estão associados ao paternalismo e à história da família, e que é importante saber as variáveis como raça, condição social e região, pois a forma com que a mulher se comporta varia de acordo com a situação em que habita. A casa era o único lugar que a mulher habitava, assim como a maioria dos casamentos se concretizava por interesses, visto que os pais desejavam que suas filhas casassem com um bom partido:

[...] ao longo do período colonial muitos homens buscavam no casamento com as moças de família tradicionais a resolução de problemas ligados ao *status social*. Muitos senhores de escravos possuíam liquidez monetária, mas tinham *status social*. O comerciante tinha dinheiro, mas não tinha reconhecimento social. Nesses casos havia uma troca, mas em ambos os casos, a mulher passava da tutela do pai para o marido. (COSTA, 2013, p.74).

O casamento era muito além dos sentimentos, é possível enxergar na obra *A mão e a luva*, no casamento de Luís Alves e Guiomar, que o status social da mulher será o mesmo de seu marido quando der seu nome à esposa. Em *Iaiá Garcia*, o pai de Estela pretende casá-la com Jorge Gomes, a fim de arranjar um emprego na repartição do governo.

Na obra *Helena*, é possível identificar quando o conselheiro, amigo do pai de Helena, que casar sua filha com Estácio. Os textos de Machado de Assis estão o tempo todo mostrando a condição social das mulheres, submissas e vítimas da

infidelidade de seus maridos, com exceção de Virgínia e Capitu, respectivamente personagens de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*.

É importante mencionar que a ética de trabalho não era algo bem visto no segundo reinado, pois tratava-se de algo direcionado apenas aos escravos. Mesmo que o homem fosse branco, pobre e com necessidades, não faria o mesmo trabalho do escravo. Se para o homem branco trabalhar já era difícil e envolvia termos burocráticos, era algo impossível para as mulheres, pois a educação e a escola não lhe davam formação suficiente para se sustentarem sozinhas, assim, a mulher que não arrumasse um bom casamento tinha que se contentar com a sorte de ser dama de companhia.

As obras de Machado de Assis são exemplos de que a literatura é uma fonte para a história, sobretudo para pesquisas de uma determinada época, além de tornar possível uma nova visão de temas já abordados. Em seus romances, o autor mostra a dupla moral, homens adúlteros e mulheres submissas no segundo reinado, entretanto, é necessário ressaltar que sua linguagem nas obras não faz uma apologia, mas sim uma retratação das circunstâncias de seu tempo.

3. LUGARES DO FEMININO EM HELENA, DE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis, ao escrever as suas produções literárias, mostrou o Brasil a partir da sua perspectiva do século XIX. Em suas histórias, a mulher adquiriu espaço especial, visto que toda sua produção literária foi perpassada pelas representações do feminino, sendo a condição feminina vislumbrada a partir da literatura do século XIX, particularmente da sociedade carioca desse tempo.

Helena foi escrito em 1876, em sua segunda fase. A obra contém 26 capítulos e foi primeiro publicada em folhetim no jornal *O Globo*, entretanto, sua narrativa ocorre em 1850, o que permite que o autor faça uma análise de modo aprofundado de uma hegemonia política e cultural específica. Em termos históricos que organizam e reproduzem as relações sociais desiguais, o autor não quer trazer apenas uma mera representação de uma política de domínio. Machado de Assis escreveu o romance de um ano diferente em que ele via, é preciso ler e entender a obra em duas historicidades, sendo elas a da narrativa e a do autor, considerando que as crises sociais e os debates políticos que se deram culminaram na lei do ventre livre.

Em *Helena*, são trabalhados os seguintes perfis femininos: a protagonista Helena, que era dócil, inteligente, estudiosa, curiosa e tinha muitas qualidades para uma menina tão jovem de dezesseis a dezessete anos. Sua maturidade era tão grande que conseguiu mudar todo o contexto triste que a casa da família Vale tinha após a morte do conselheiro, ela mostra como uma mulher deveria se comportar, de modo que conseguiu ser uma excelente esposa e dona de casa.

D. Úrsula, irmã do conselheiro e tia de Helena, tinha mais de 50 anos. Era solteira e sempre conviveu com seu irmão, sendo de grande importância, tendo em vista que a esposa do conselheiro morreu muito cedo, ela desempenhava o papel de mãe para Estácio, filho legítimo do conselheiro.

Eugênia também era jovem, dona de uma beleza e vaidade imensurável, entretanto, não tinha o mesmo interesse por leituras e estudos como Helena, seu interesse mesmo era casar e construir uma família com Estácio. D.Tómasia, mãe de Eugênia, era uma boa esposa, sempre cuidou muito bem da casa, apoiando sempre seu marido. Ângela, mãe de Helena, não é muito mencionada na obra, mas aparenta ser uma mulher muito encantadora.

Essas mulheres são importantes porque constituem uma configuração do feminino a partir da leitura que o autor faz das mulheres no século XIX na sociedade do Rio de Janeiro. Machado de Assis, além de falar dos aspectos culturais, se situa nos aspectos sociais e políticos, trazendo a representação e o contexto da sociedade da época e com ele a condição feminina.

A trama também conta com os seguintes personagens: o conselheiro Vale, pai de Estácio e Helena. Estácio, filho legítimo do conselheiro, era um pouco mais velho que Helena e formado em matemática, mesmo o pai sendo envolvido com a política, nunca alimentou o desejo de seguir seus passos. Dr. Camargo, pai de Eugênia e grande amigo do conselheiro Vale, além de Pe. Melchior e Mendonça, que eram influentes e amigos de longa data da família.

Um dos teóricos que aborda as obras literárias machadianas é Sidney Chalhoub, procurando analisá-las na visão crítica do contexto político, social e cultural, além de abordar e citar as obras de outros autores com grande influência nas críticas machadianas, a exemplo de Roberto Schwarz e John Gledson, que abordam e potencializam os textos de Machado de Assis. Segundo Chalhoub (2003):

Na ótica de Schwarz, a obra de Machado de Assis é interpretada como um comentário “estrutural”, por isso dizer, sobre a sociedade brasileira do século XIX: o romancista expressa e analisa aspectos essenciais ao funcionamento e reprodução das estruturas de autoridade e exploração vigentes no período.[...] Gledson, por outro lado, está mais preocupado em perseguir o movimento da história dos escritos de Machado: o crítico demonstra, num procedimento sistemático de decifração de alusões e alegorias, que o romancista comentou intensamente as transformações sociais e políticas de seu tempo. (CHALHOUB, 2003, p.11).

É notório que ambos os autores se completam em seu modo de fazer a crítica, as questões levantadas estão nítidas nos escritos machadianos sobre estrutura e movimento, que são importantes e precisam estar presentes na textura complexa dos romances do autor, sejam eles trajetória literária que traz o drama do país ou a procura para interpretar o sentido que a história tem.

Depois da morte de sua mãe, Helena vai para um colégio interno e recebe visitas periódicas do Conselheiro Vale, entretanto, no decorrer da obra entendemos que a moça não é filha legítima do conselheiro. Com sua morte logo no começo no primeiro capítulo, o testamento é lido e para a surpresa de todos Helena está nele. Não tendo família, foi morar com sua tia e seu irmão, causando impacto logo nos primeiros dias.

Para compreendermos a mulher na visão de Machado de Assis, torna-se importante mostrar como ele pensou a obra *Helena* configurando-a em momentos sociais políticos e culturais. A obra está de acordo com a realidade e a vivência consideradas naturais do século XIX, pois a mulher estava desprovida de qualquer participação relevante na sociedade, sobretudo no meio político e econômico, as mulheres eram submissas e atuantes apenas em casa cuidando do marido, da casa e dos filhos. Além disso, é nítida a idolatria do casamento, virgindade, submissão e modéstia, o que era bem aceito pelas mulheres. Percebe-se como a mulher vivia e se comportava nos diálogos entre os personagens no decorrer do capítulo IV, no qual o autor aborda a postura de Helena:

Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis homens e estimáveis as mulheres. Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com frívolos, grave com os que eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo virtudes domésticas e maneiras elegantes. (ASSIS, 1994, p.15).

Nota-se que Helena tinha todas as qualidades que uma mulher deveria ter na época, que as faziam dignas de uma boa reputação e futuramente contribuiriam para um bom casamento, entretanto, não existiam apenas estas suas qualidades:

Além das qualidades naturais, possui Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falou da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, - não humilde, mas digna, - conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis. (ASSIS, 1994, p.16).

Ao observar a postura da moça, notamos que sua educação foi digna de quem tinha condições era de família tradicional, comum das primeiras classes sociais, mesmo não tendo sido criada no seio da família do conselheiro. As moças do século XIX que não tivessem uma família abastada, não teriam a oportunidade de frequentar a escola e investir em estudos como foi para Helena, que mesmo não tendo a oportunidade de conviver com a família de seu pai, ao menos faria um bom casamento com um homem que tivesse destaque na sociedade fluminense.

Chalhoub (2003) faz uma análise e aponta que Helena tinha um método só seu na forma de conversar e a partir disso interpretar a realidade que a cercava de forma cativante, sobretudo quando queria pedir algo a Estácio, o seu mancebo.

A personagem é submissa, de forma que na obra essa postura é romantizada, isso era comum tanto na burguesia como na classe mais baixa. Caso Helena não estivesse sob os cuidados da família do conselheiro, estaria fadada à pobreza, pois só os homens tinham o direito de trabalhar fora, a mulher não poderia trabalhar, pois não era uma prática bem vista na sociedade da época.

No capítulo VI, assim que Estácio chega em casa falando sobre seu amigo Mendonça, em meio às conversas, pergunta o que Helena fez durante a tarde, ela responde que não passou a tarde inteira fazendo crochê, mas, que também teria ido à estante de seu irmão a fim de ler algum livro. Lá, ela pega um romance considerado proibido, algo que assusta Estácio, mas logo a moça diz que quando percebeu que era esse livro, colocou de volta na estante, seu irmão ainda disse que não era um livro para moças solteiras, então Helena respondeu:

- não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se a mesa. Em todo o caso, li apenas algumas páginas. Depois abri um livro de geometria... e confesso que tive um desejo...

- Imagino! Interrompeu D. Úrsula. (ASSIS, 1994, p.24).

Podemos entender que alguns livros eram considerados impróprios para as mulheres por haver algumas partes que provavelmente falasse sobre sexo, fazendo com que a própria Helena se conscientizasse sobre isso e não continuasse lendo. O autor também traz Helena como heroína, além de mostrar a imagem da mulher como algo divino, caridoso, meigo, inocente, puro e sempre disposta a fazer as vontades de seu irmão, que era o homem da casa depois da morte de seu pai, de fato, era a imagem de mulher perfeita no mundo senhorial.

Já Eugênia, filha do médico Camargo, seguia um perfil diferente do de Helena, até porque ela tinha o desejo de casar com Estácio e adquirir uma vida boa, Eugênia se vestia com luxo, era vaidosa, algo comum no segundo reinado, principalmente ostentar a moda europeia:

Estácio contemplou-a namorado sem ousar dizer palavra; a primeira que ia lhe sair dos lábios, era justamente o pedido que o levava ali. Mas Eugênia deve-lha, mostrando o anel que a madrinha, fazendeira de Cantagalo, lhe mandara na véspera. Era uma opala magnífica, a tal ponto que Eugênia dividia os olhos entre o namorado e ela. Esta simultaneidade esfriou o mancebo. Entraram ambos em casa, onde

D. Tomásia os esperava. A mãe de Eugênia sabia combinar o decoro com desejo de seu coração; [...] (ASSIS, 1994, p.19).

É perceptível que a moça dá importância a bens materiais assim como a algumas futilidades, Estácio chega até a questionar e a ficar chateado. Percebe-se que a mãe também faz gosto do namoro dos dois, no decorrer da trama, assim que Estácio decide casar-se com a moça de forma quase que por submissão, ao receber o pedido, Eugênia tem um comportamento pouco racional. Ela ignorava tudo, até mesmo a dissimulação do sexo, algo que era comum, visto que a esposa no século XIX era a imagem de ternura e meiguice, estava no matrimônio para ter e cuidar dos filhos e não curtir os desejos carniais, isso o homem encontrava nas ruas, nas prostitutas.

Camargo recebe uma carta de Estácio, justamente pedindo a mão de sua filha, já era de se esperar a felicidade que o amigo de seu pai ficou. Depois de ler toda carta, olha para sua filha e diz:

- Assim, pois, meu anjo, disse ele, casar-te por tua livre vontade? Estácio é o eleito do teu coração? Louvo a escolha, que não podia ser mais digna. Serás herdeira das virtudes de tua mãe, que te proponho como o melhor modelo da terra.
- A mais conscienciosa pelo menos, acudiu D. Tomásia, satisfeita e vaidosa do louvor do marido. Há de ser boa esposa, modesta, solícita e econômica. (ASSIS, 1994, p. 65).

D. Tomásia ouve o marido e concorda com a explicação, estava lisonjeada com o que o marido havia falado, pois ela seguia o modelo à risca da mulher da época, a que estava do lado do marido sempre sem questionar seus negócios econômicos e políticos, logo depois passando para sua filha como deveria se comportar quando estivesse casada, de modo que fosse admirada por sua postura assim como ela era pelo seu pai. O pai de Eugênia ainda complementa:

- Econômica, sem avareza emendou Camargo. A riqueza não deve ser dissipada, mas é certo que impõe obrigações imprescindíveis, e seria a maior inconveniência viver a gente abaixo de seus meios. Não farás isso nem cairás no extremo oposto; procura um meio-termo, que é a posição do bom senso. Nem dissipada, nem miserável. (ASSIS, 1994, p.65).

Pareciam não estar dando a mínima atenção para sua filha e, de fato, não estavam, porque suas mentes só pensavam como seria o dia do casamento. Essa parte da obra deixa em evidência como uma mulher deveria se comportar no seu matrimônio, sendo uma parceira e fazendo seu marido crescer, além de manter uma boa qualidade de vida sem muitos excessos, de forma que seus nomes permanecessem sempre com o status devido.

Outra parte de grande destaque na obra machadiana é quando Camargo insiste na entrada de Estácio para a política, ao término da conversa, Estácio recorre à opinião de Pe. Melchior e Helena, com espanto Camargo reage e diz:

- Helena! Disse ele com alguma hesitação. Que vem fazer sua irmã neste negócio?

- É um voto, redarguiu Estácio; e menos leve do que lhe parece. Há nela muita reflexão escondida, uma razão clara e forte, em boa harmonia com as suas outras qualidades feminis. (ASSIS, 1994, p.37).

É nítido a antipatia de Camargo por Helena, pois ela poderia fazer seu irmão mudar de opinião quanto ao casamento com Eugênia, insinuando até que caso ela não concordasse, era porque de fato não queria o bem de Estácio. Entretanto, a estranheza não era apenas antipatia, visto que não era algo comum no século XIX as mulheres se envolverem em negócios políticos do marido ou homem da família, pois já se mantinham ocupadas em dirigir e manter a casa em ordem.

Helena sabia que no mundo que Estácio via como perfeito, as coisas e as pessoas estavam ali como forma da vontade dele, pois os homens da época gostavam de se imaginar controladores de toda situação, sobretudo de economia e concessões de favores. Ela compreendia também que para conseguir o que desejava de seu irmão de forma não tão relutante, deveria aumentar o ego de seu irmão, dando a impressão de que ele podia tudo.

Helena não carregaria uma criticidade tão grande e astúcia se ela não tivesse a capacidade de analisar e distanciar o ponto de vista de Estácio, isto é, considerar a relativização da perspectiva de seu irmão. Seu intelecto é sofisticado da mesma forma de suas dissimulações, tornando-a confiável da mesma forma que ela se torna a representatividade da ideologia senhorial, o comportamento, costumes e lugares feminis no século XIX.

Entretanto, as mulheres da obra, assim como Helena, não perpassaram os costumes que ali estavam enraizados, além disso, nenhuma das mulheres mostra estar disposta a questionar os homens ou fazer algo que não era direcionado a elas. Pelo contrário, estavam dispostas todo momento a anular suas vontades em prol da vontade do homem, buscando mostrar sua fragilidade e inocência, o que deixava em voga o pensamento masculino de que eram incapazes de ser ativas e influentes politicamente, economicamente e socialmente.

Mesmo não sendo uma obra da sua terceira fase, Machado de Assis mostra a realidade do segundo reinado e a mulher inserida na sociedade da época. Da

mesma forma que mostra o romantismo, ele consegue detalhar o contexto histórico, o qual na pesquisa em história muitos historiadores contemporâneos se aportaram, possibilitando o trabalho com inúmeras temáticas sociais e culturais. No caso deste trabalho, a obra identifica o retrato do século XIX, sobretudo o lugar feminino e suas diferentes facetas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na discussão proposta, podemos compreender que várias representações sociais do século XIX influenciaram a vida das mulheres, de modo que elas vivessem a partir de regras sem ter espaço e influência nas atividades direcionadas apenas para homens. No século XVIII, com a Revolução Francesa, algumas mulheres já pensavam à frente de seu tempo, influenciadas pelos ideais libertários e se destacando no domínio da escrita, que até então direcionava-se apenas para homens.

As obras que abordavam temas femininos não tinham a mulher como sujeito social. Com a crítica a respeito e a historiografia cultural, o movimento feminista já emergido deu ênfase aos grupos mais excluídos, o que fez com que nos anos 80 a nova vertente mostrasse as mulheres em atuação, resistindo contra dominação masculina. Influenciando o Brasil a seguir essa nova linha de fazer história, várias autoras como Margareth Rago, Raquel Soieth, Mary Del Priore e outras, ignoraram as diferentes metodologias, focando no destaque das mulheres marginalizadas.

Dessa forma, é possível dizer que a literatura é uma fonte para história, as duas trazem representações sobre o mundo, entretanto, não fogem dos questionamentos em relação à criticidade, ficção e realidade. Entende-se que existe uma aproximação da criação literária com o mundo social que é criado a história, de forma que consiga responder questionamentos feitos pelo homem a partir da história e manifestações culturais que mostram a realidade.

No Rio de Janeiro, antes dos escritos virarem uma grande obra literária, teriam que ganhar destaque nos jornais e periódicos, não foi diferente com Machado de Assis em suas três fases literárias. Assim, a imprensa foi de grande valia, tanto como meio de comunicação e entretenimento e até como forma educativa e militante dos direitos das mulheres.

Machado de Assis sempre foi bem visto pelos historiadores por retratar de forma histórica e real o tempo e os acontecimentos em que se passava as suas obras. A obra *Helena* nos mostra uma infinidade de comportamentos femininos no século XIX que eram regra no Brasil do segundo reinado. A protagonista nos mostra a vida de uma pessoa que teve uma boa educação e bons costumes, o que lhe rendeu grandes virtudes para arranjar um bom casamento. Vários outros personagens se destacam pela forma de agir na trama, como Eugênia, D. Tomásia e

principalmente D. Camargo, que desejava muito que sua filha se casasse com Estácio. Nos detalhes, nas conversas e nos modos de agir, pode-se identificar o papel da mulher na sociedade e a submissão a que ela estava sujeita.

Destarte, espera-se que este estudo contribua para a pesquisa na historiografia sobre história e literatura, trazendo a discussão sobre as mulheres e permitindo que outros historiadores possam ter referência para abordar como Machado de Assis trabalhou com as questões do feminino. Ademais, pretende-se que esta pesquisa contribua para o curso, assim como também para estudos sobre as mulheres no campo da literatura, além de trazer possibilidades para identificar como a literatura trabalha com feminino.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Helena**. Vol.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BARROS, José D´ Assunção. **História e literatura: novas relações para os novos tempos**. Contemporâneos. n.6, mai-out, 2010.
- CAMILOTTI, Virgínia. NAXARA, Márcia Regina C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **Revista história, questões e debate**, Curitiba. n.50, p. 15-49, jan/jun., 2009.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. Debate: literatura e história. **Revista topo**, Rio de Janeiro. n.1, p.197-216, 1999.
- COSTA, Lourenço Resende. História e gênero: A condição feminina no século XIX a partir dos romances de Machado de Assis. **Revista eletrônica discente história**. Com. Cachoeira, v.1, n.2, 2013.
- CUNHA, Maria de Fátima. Mulher e historiografia: da visibilidade a diferença. **História e Ensaio**, Londrina, v. 6, p.141-161, out. 2000.
- FARIAS, Virna Lúcia Cunha de. **Machado de Assis, na imprensa do século XIX, práticas, leitores e literaturas**. João Pessoa: UFPB, 2013.
- JINZENJI, Mônica Yumi. **Leitura e escrita femininas no século XIX**. *Cad. Pagu* [online]. 2012, n.38, p.367-394.
- LAMARÃO, Sérgio. A revista como fonte para a história da cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 6, p.129-143, 2012. Disponível em: <<http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/as-revistas-como-fonte-para-a-historia-da-cidade-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, [s.l.], v. 10, p.37-45, 2007.
- MALUF, Marina. MATT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *In*: NOVAIS, Fernando A. SEVERIKO, Nicolas (org). **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. **A política dos sentimentos e a questão social no século XIX**. Anos 90. Porto Alegre, v.24, n.46, p. 239-268, dez.2017.
- MOREIRA, Maria Cecília Gonçalves. A condição feminina: uma breve retrospectiva histórica. *In*: MOREIRA, Maria Cecília Gonçalves. MARQUES, Maria Aparecida Barbosa (org.). **A violência entre parceiros íntimos: o difícil processo de ruptura**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2006.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência. **Fazendo gênero 8, corpo, violência e poder**. Florianópolis, 2008.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História (São Paulo)**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.77-98, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, p.21-45, set. 2003.

PRIORE, Del Mary. **História e conversas de mulher**. 1º ed. São Paulo: Planeta, 2013.

PRIORE, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p.375-398, 1997.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *In*: SILVA, Zélia Lopes da (org). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RODRIGUES, Dayanny. Escritos de e para as mulheres no século XIX: o conceito de emancipação e representação feminina no *jornal das senhoras*. **Revista outras fronteiras**, Cuiabá. v.4, n. 1, jan/jul. 2017.

ROIZ, Diego da Silva. A escrita da história no século XIX. **Projeto História**, São Paulo. n.41, dez. 2010.

SANTANA, Ramon Ferreira. A instrução da fêmea: a educação da mulher brasileira no século XIX. **Revista tempos e espaço em educação**, v. 7, n. 12, janeiro/abril, 2014.

SOIHET, Rachel. A história das mulheres cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. **Revista Gênero**, Niterói. v.2, n.1, p.7-30, 2001.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres e história de gênero: um depoimento**. Cadernos Pagu. n.11, 1998.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p. 399-429, 1997.